



Do ódio da política às cinco provas no fardão: as articulações de Mauro Mota durante o regime militar para conquista da vaga na Academia Brasileira de Letras

TÉRCIO DE LIMA AMARAL

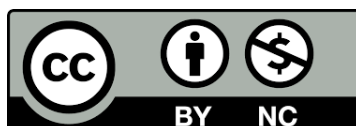
REDE MUNICIPAL DE JABOATÃO DOS GUARARAPES 

CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA

v. 43, e264879, 2025

<https://doi.org/10.51359/2525-5649.2025.264879>

e-ISSN: 2525-5649



Do ódio da política às cinco provas no fardão: as articulações de Mauro Mota durante o regime militar para conquista da vaga na Academia Brasileira de Letras

RESUMO: Este artigo trata da trajetória política do intelectual pernambucano Mauro Mota e sua articulação política, durante o regime militar, para a conquista da imortalidade na Academia Brasileira de Letras. Formado na Faculdade de Direito do Recife, Mauro foi um importante jornalista no Estado, tendo passagens pelos jornais *Diário da Manhã*, onde iniciou a carreira, e pelo *Diário de Pernambuco*, sendo neste último se destacou por um suplemento literário editado por ele, nos anos 1940 e 1950, e que ajudou a revelar escritores e talentos dentro do seu círculo de relações. Este trabalho mostra a trajetória de Mauro Mota e sua relação política em momentos importantes da história recente e de sua trajetória profissional. Utilizamos como fontes artigos de jornais, relatos de intelectuais do período e correspondências trocadas por ele durante sua campanha para a conquista da vaga na academia em 9 de janeiro de 1970.

PALAVRAS-CHAVE: Mauro Mota; história da intelectualidade; ditadura militar.

Del odio a la política a las cinco pruebas del uniforme: las articulaciones de Mauro Mota durante el régimen militar para conquistar el puesto en la Academia Brasileira de Letras

RESUMEN: Este artículo trata sobre la trayectoria política del intelectual pernambucano Mauro Mota y su articulación política durante el régimen militar para conquistar la inmortalidad en la Academia Brasileira de Letras. Graduado en La Faculdade de Direito do Recife, Mauro fue un importante periodista en el estado, habiendo trabajado en los periódicos *Diário da Manhã*, donde inició su carrera, y *Diário de Pernambuco*, destacándose en este último por un suplemento literario editado por él en las décadas de 1940 y 1950, el cual ayudó a revelar escritores y talentos dentro de su círculo de relaciones. Este trabajo muestra la trayectoria de Mauro Mota y su relación política en momentos importantes de la historia reciente y de su trayectoria profesional. Utilizamos como fuentes artículos de periódicos, relatos de intelectuales del período y correspondencias intercambiadas por él durante su campaña para conquistar el puesto en la academia el 9 de enero de 1970.

PALABRAS CLAVE: Mauro Mota; historia de la intelectualidad; dictadura militar.

From political hatred to the five trials in the uniform: Mauro Mota's articulations during the military regime to secure a place at the Brazilian Academy of Letters

ABSTRACT: This article examines the political trajectory of the Pernambuco intellectual Mauro Mota and his maneuvers during the military regime to secure a place at the Brazilian Academy of Letters. A graduate of the Faculty of Law of Recife, Mauro was an influential journalist in the State, with work experience at the newspapers *Diário da Manhã*, where he began his career, and *Diário de Pernambuco*, the latter distinguished by a literary supplement edited by him in the 1940s and 1950s, which helped reveal writers and talents within his circle. This study explores Mauro Mota's trajectory and his political connections during significant moments of recent history and his professional path. Our sources include newspaper articles, accounts from intellectuals of the period, and correspondence exchanged by him during his campaign to secure a place at the Academy, achieved on January 9, 1970.

KEYWORDS: Mauro Mota; intellectual history; military dictatorship.

Do ódio da política às cinco provas no fardão: as articulações de Mauro Mota durante o regime militar para conquista da vaga na Academia Brasileira de Letras

TÉRCIO DE LIMA AMARAL

Introdução

Em entrevista ao *O Jornal*, do Rio de Janeiro, Mauro Mota elencou as dez coisas que mais detestava. Na sua lista constava cebola, mexerico, política, escrever, acordar cedo, telefone, rádio, roupa de casimira, emprestar livros e hora certa.¹ Os pontos poderiam até revelar traços de sua personalidade, como a falta de pontualidade, e até mesmo curiosidades: como um jornalista e poeta detestaria escrever? Mas entre eles, chama mesmo a atenção a opinião de que detestava política. A afirmação, no entanto, esconde uma trajetória intelectual marcada por posições políticas bem delimitadas, mesmo quando elas, em alguns casos, não eram externadas por ele por meio de entrevistas ou exploradas por seus biógrafos. Um silêncio que acabou ajudando a construir uma imagem de sujeito independente de articulações e até mesmo alheio à política partidária, mesmo quando essa política também poderia ser entendida com uma arte de se relacionar – com amigos e até inimigos. Seja por sua descrição, seja pela rede de apoios que tinha entre os intelectuais, como os seus biógrafos, tal aspecto jamais foi explorado, sendo colocado em segundo plano. Mauro poderia até detestar, mas era impossível a separação do campo político e intelectual no seu período.

Mauro Ramos da Motta e Albuquerque, mais conhecido como Mauro Mota, era natural do Recife e teria nascido no ano de 1908, apesar de publicamente ter adotado o ano de 1911 como data de nascimento.² Essa mudança seria para, supostamente, camuflar sua escolaridade tardia. Ele fez parte dos estudos iniciais no município de Nazaré da Mata, no interior de Pernambuco, e o secundário no Colégio Salesiano, na capital, onde conheceu o

¹ “Cavalcanti, O que eles pensam, dizem, fazem”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1957, p. 3.

² Roberto Motta, “Mauro Mota, Memória, Data e Festa”, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, n. 65 (2012), pp. 227-254 (p. 234-235).

crítico pernambucano nascido em Caruaru, Álvaro Lins. Mauro concluiu os estudos no Ginásio do Recife. Tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1937, mas direcionou sua carreira ao mundo das letras.

*Imagem 1: Mauro Mota na infância.*³



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco (doravante Fundaj),
Coleção Mauro Mota (doravante CMMo).

O intelectual tornou-se conhecido por meio do jornalismo, iniciando a carreira como secretário e depois redator-chefe do jornal *Diário da Manhã*, entre 1935 e 1941. Logo em seguida, em 1941, entrou no *Diário de Pernambuco* (DP), beneficiado com o auge do então maior conglomerado de mídia do Brasil, os *Diários Associados*. Mauro Mota ainda foi diretor-executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJPNS), entre os anos de 1956 e 1971, professor catedrático de geografia do Instituto de Educação de Pernambuco, entre 1950 e 1971. Além disso, ele foi membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo esta última objeto de nossa análise para identificar suas estratégias na conquista da imortalidade durante o regime militar-civil (1964-1985). Mauro faleceu em Recife, em 22 de novembro de 1984, quando era diretor do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje), cargo que ocupou desde 1972.

³ Mauro Mota na infância: formação inicial foi realizada no município de Nazaré da Mata, na Zona da Mata de Pernambuco.

Figura 2: Carteira de estudante de Mauro Mota na Faculdade de Direito do Recife.⁴



Fonte: Fundaj, CMMo.

O seu primeiro trabalho de projeção nacional são as *Elegias*, publicadas em livro no ano de 1952, vencedor do Prêmio Olavo Bilac, da ABL. As elegias – poesias tristes, compostas como lamento de morte – são dedicadas à sua primeira mulher, Hermantine Soares Cortez, com quem casou em 1939, ficando viúvo em 1947. Com ela, teve os dois primeiros filhos: Roberto e Luciana. As *Elegias* de Mauro Mota, envoltas de uma figura feminina, também são consideradas seu principal trabalho poético e o mais conhecido pela crítica nacional. “A morte prematura da esposa – a bela Hermantine – despertou em Mauro, como assinala Álvaro Lins – a poesia elegíaca. São dez sonetos, camonianos/machadianos, obra prima do talento criador”.⁵ Nosso trabalho ouviu parentes, amigos e pessoas próximas a Mauro Mota, e muitos desses relatos se concentraram em sua vida particular – fora do nosso objeto central de estudo. Em uma conversar informal, tratada em reserva nesta pesquisa, uma acadêmica da Academia Pernambucana de Letras, contemporânea de Mauro Mota, afirmou que o sentimento que ele sentia por Hermantine, após sua morte, não era apenas de amor. O que se fala é que esse casamento foi muito infeliz para Hermantine. Em virtude da infidelidade de Mauro Mota. Esse amor também era remorso pelo que ela passou. A acadêmica cita um episódio testemunhado por ela quando Mauro Mota dirigia o Arquivo Público. De repente, ele teria mostrado o retrato de Hermantine, que guardava

⁴ Mauro Mota, como muitos jovens do seu grupo social, teve formação na Faculdade de Direito do Recife.

⁵ Nilo Pereira, *Mauro Mota e seu tempo*, Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987, p. 75, p. 126.

na carteira, e começava a chorar e não parava. Era um amor misturado ao arrependimento. No ano de 1949, Mauro Mota casa com Marly Arruda, com quem teve mais quatro filhos: Maurício, Sérgio, Eduardo e Teresa Alexandrina. Após o trabalho pioneiro, foram publicados, pelo menos, mais 14 livros com poesias, entre os anos de 1956 e 1983, muitas delas resultados de republicações.⁶

No Brasil, há uma atomização do campo intelectual a partir dos anos 1950. Um intelectual, como ele, que começou a atuar nos anos 1930 e 1940, não tinha como fugir da política partidária. De acordo com o historiador Diogo Cunha, isso só será possível a partir dos anos 1960 e 1970. Mauro é de uma geração que vive e perpassa o processo de autonomização do campo intelectual. Desse modo, não é estranha a sua afirmação de que “odiava” política, mesmo tendo-a praticado ostensivamente.⁷ Além da própria fala de Mauro em entrevistas, as duas biografias já escritas sobre ele não tratam de fazer uma análise das relações políticas construídas pelo poeta recifense. Algumas delas, inclusive, ajudam a mitificar essa questão. Por exemplo, em *Mauro Mota e seu tempo*, Nilo Pereira reproduz um artigo de Waldemar Lopes que defende uma recusa, por parte de Mauro, ao imperativo das boas relações políticas como ingrediente que potencializava o sucesso de uma carreira. A frase também indica que o jornalista poderia não estar atento aos temas públicos, uma vida que não se fez na política enquanto atividade partidária: “Curioso! Faltou a Mauro Mota a emoção da atividade político-partidária”.⁸

Este artigo tem como objetivo analisar as articulações realizadas por Mauro Mota na conquista da imortalidade durante o regime militar (1964-1985) numa das maiores instâncias de reconhecimento, sociabilidade e consagração do período, a Academia Brasileira de Letras (ABL). Para isso, utilizamos como fontes discussões historiográficas, como o trabalho do historiador pernambucano Diogo Cunha, artigos de jornais de circulação nacional, como *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*, além de cartas e outros depoimentos. No período em análise, Mauro Mota ocupou diversos espaços de poder, como a presidência do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), atual Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), no Recife, e os Conselhos Federal e Estadual de Cultura, mostrando que, pelo menos a exemplo das funções que ocupou, estava em sinergia com as políticas sociais e culturais da ditadura brasileira iniciada no ano de 1964. Apesar de já estar em decadência no período, a ABL, nos anos 1970, ainda era uma local

⁶ “Bibliografia de Mauro Mota”, *Revista do Arquivo Público*, v. 1, n. 1 (1984), pp. 19-48.

⁷ Diogo Cunha, “O campo intelectual no Brasil nas décadas de 1960 e 1970: a “estrutura cultural conservadora”, as universidades e as esquerdas”, *História Unicap*, v. 3, n. 5 (2016), pp. 100-120 (p. 117), <https://doi.org/10.25247/hu.2016.v3n5.p100-120>.

⁸ Pereira, *Mauro Mota e seu tempo*, p. 211.

importante de sociabilidade e de consagração, sobretudo na ditadura militar (1964-1985).

A ABL, que destacamos neste artigo por meio da articulação de Mauro Mota na conquista da imortalidade, é uma instituição criada, no Rio de Janeiro, no final do século XIX, por um grupo de intelectuais que incluía nomes como Olavo Bilac, Graça Aranha, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa. Seu primeiro presidente foi o escritor Machado de Assis. Seu quadro compõe 40 membros efetivos e perpétuos, além de 20 sócios correspondentes estrangeiros. A princípio, tem como objetivo o cultivo da língua portuguesa e da literatura nacional, mas também se destacou pela presença de figuras políticas, como os presidente Getúlio Vargas, José Sarney, Fernando Henrique Cardoso e o seu vice Marco Maciel, que produziram, em alguns casos, uma obra intelectual considerável. Passaram pela academia nomes como Ariano Suassuna, Jorge Amado e Rachel de Queiroz. Enquanto instituição, no século XX, ganhou destaque pelo financiamento e aliança com a ditadura, recebendo benesses e contribuindo publicamente com os militares em uma agenda positiva com a intelectualidade.

Mauro Mota e os primeiros registros de sua atuação política: o Integralismo e o combate à ditadura varguista

Os primeiros registros públicos da movimentação política, de fato, de Mauro Mota foram em defesa do *Diário de Pernambuco* e da denúncia da violação dos direitos humanos no primeiro governo de Etelvino Lins, como interventor federal em Pernambuco. O jornalista participou de uma passeata cívico-pública na Praça Floriano, no Rio de Janeiro, no dia 7 de março de 1945. O movimento reuniu 10 mil pessoas e acabou marcando o fim da ditadura varguista no Brasil. No seu discurso, o qual estampou a primeira página de *O Jornal*, então importante jornal da capital brasileira, Mauro Mota chamou a atenção do atentado ocorrido na sede do *Diário*, cujo desfecho terminou em duas mortes. “Ministro da Justiça - que fizeste do estudante Demócrito Souza Filho?”,⁹ disse o jornalista em frase estampada na capa, com sua foto. O protesto ocorreu em virtude de uma movimentação estudantil no Recife. No dia 2 de março de 1945, os estudantes da Faculdade de Direito do Recife Demócrito de Sousa Filho e Jorge Carneiro da Cunha rasgaram um retrato do então presidente Getúlio Vargas na instituição e espalharam os pedaços entre

⁹ “Democracia rediviva no comício de ontem da Praça Floriano”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1945. p. 3.

os presentes. O fato gerou uma reação da polícia e os estudantes acabaram refugiados na redação.

No dia seguinte, um comício foi realizado na sacada da empresa e, durante o discurso do sociólogo Gilberto Freyre, a Polícia de Pernambuco abriu fogo, atingindo Demócrito. Outra bala acabou atingindo Manuel Elias dos Santos, também conhecido como Manuel Carvoeiro, que estava entre a população. Os dois acabaram sendo assassinados e o caso nunca foi investigado, sem apontar culpados. O *Diario* acabou empastelado e ficou fora de circulação durante 40 dias. Segundo o jornalista Luiz do Nascimento, o edifício do jornal foi ocupado pela polícia militar, “sendo apreendidas as matrizes da edição do dia 4, e presos, à saída da redação, o repórter Hélio Pinto, às 11 horas da noite; e o redator-chefe Aníbal Fernandes, às dois e meia da madrugada”.¹⁰ Outros redatores foram conduzidos à Casa de Detenção, mas foram liberados pela manhã. Meses depois, também em *O Jornal*, em extenso artigo na edição de 8 de setembro de 1945, Mauro Mota afirma que em Pernambuco vigorava a “lei da *jungle*” (“selva” em inglês). Além de tratar do crime contra o estudante Demócrito de Sousa Filho, ele trata da perseguição do governo ao *Diario* e ao chefe de redação, Aníbal Fernandes, que foi alvo de atentado criminoso na porta de casa, no bairro de Boa Viagem, no Recife. No jornal publicado na capital do país, Mauro Mota desfere diversos ataques a Agamenon Magalhães e Etelvino Lins, que se reversavam no poder em Pernambuco durante a presidência de Getúlio Vargas logo após a queda de Carlos de Lima Cavalcanti.

O jornalista, jurista e político pernambucano Antônio Andrade de Lima Filho afirma que o afastamento do *Diario* ao grupo político de Agamenon Magalhães também tem relação com o posicionamento do empresário e jornalista Assis Chateaubriand, então proprietário do jornal, contra o início da fase ditatorial do presidente Getúlio Vargas. O jornalista chegou a afirmar que, em novembro de 1937, ano do início do Estado Novo (1937-1945), “um pedaço de noite medieval houvesse caído sobre nós. Civilização e cultura brasileiras entraram em crepúsculo”.¹¹ Os desencontros políticos durante a oposição do *Diario* foram, também, protagonizados por velhos conhecidos. O jornalista Aníbal Fernandes e Agamenon Magalhães foram colegas e contemporâneos de Seminário em Olinda, apesar de ambos não terem seguido carreira religiosa. O avô de Mauro Mota, o professor de geografia e diretor do *Ginásio Pernambucano*, João Feliciano da Motta Albuquerque, foi colega de magistério

¹⁰ Luiz do Nascimento, *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*, Recife: Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco, 1996, p. 167.

¹¹ Andrade Lima Filho, *China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época*, Recife: Ed. Universitária, 1976, p. 93.

na instituição com Agamenon Magalhães.¹² “A maioria silenciosa começava então a quebrar o mutismo, pondo a cabeça fora do ‘underground’. Ao impacto das forças democráticas que demoliam, uma após outra, as bastilhas do nazi-fascismo, ela criava alma nova”.¹³

O enfraquecimento do poder central e o distanciamento da publicação da capital favorecem a agressividade no artigo. O jornalista associa explicitamente os dois políticos ao fascismo, cujo projeto foi parcialmente derrotado com o fim da Segunda Guerra (1939-1945). Ataca, ainda, o jornalista: “Neste ano de 1945, voltamos, impelidos pela brutalidade fascista, que aqui sobrevive às atas de Berlim e do Missouri, ao primitivismo da selva. E vivemos - se isto é viver - expostos permanentemente a todos os seus perigos”.¹⁴ Mauro Mota também enumera diversas notícias publicadas no jornal *Folha da Manhã*, alinhado ao governo e de propriedade de Agamenon Magalhães, que incitam a violência contra o *Diario* e seu diretor. Entre as chamadas, duas atraem a atenção. A primeira delas, publicada no dia 4 de julho de 1945, afirma, em referência aos jornalistas da oposição: “Que a terra lhes seja leve”.¹⁵ A segunda ataca diretamente Aníbal Fernandes. “O jornalista alugado Aníbal Fernandes é o inimigo número um da cidade e do povo heroico de Pernambuco”.¹⁶ Etelvino Lins, então chefe da polícia de Agamenon, teria agredido diversas vezes Aníbal, além de censurar o jornal que ele dirigia, proibindo a publicação de seu nome e suas fotos. “O sr. Aníbal Fernandes foi preso várias vezes, submetido a interrogatório por investigadores à presença do sr. Etelvino e por este agredido e ameaçado”,¹⁷ denuncia. “É desse tempo a já hoje famosa declaração do então chefe de polícia ao diretor do ‘Diario’: ‘Manda quem pode’”.¹⁸ O artigo de Mauro Mota aumenta o tom quando compara o governo de Agamenon ao líder nazista Adolf Hitler. Prossegue:

Hitler não está vivo na Europa, como ainda ontem, à tarde, noticiava a folha do governo com tanto espalhafato e traindo seu regozijo. Na Europa, Hitler está morto. Hitler está vivo é no Recife. Hitler está agindo nas ruas e nas praias deste velho burgo. O plano dele é silenciar a voz secular deste grande jornal, que sempre o combateu nos seus planos totalitários de

¹² Filho, *China Gordo*, p. 36.

¹³ Filho, *China Gordo*, p. 98.

¹⁴ “Mauro Mota, Antecedentes do Crime da Boa Viagem”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 set. 1945, p. 4.

¹⁵ “Mota, Antecedentes do Crime da Boa Viagem”, p. 4.

¹⁶ “Mota, Antecedentes do Crime da Boa Viagem”, p. 4.

¹⁷ “Mota, Antecedentes do Crime da Boa Viagem”, p. 4.

¹⁸ “Mota, Antecedentes do Crime da Boa Viagem”, p. 4.

escravização. Esta graúda voz secular sempre a serviço das grandes causas libertárias. Não o conseguireis jamais, ó Hitler!¹⁹

Apesar do ataque e a referência negativa ao nazismo, o próprio Mauro Mota, ao lado do amigo Álvaro Lins, e mais do que eles, Andrade Lima Filho, militaram na juventude da Ação Integralista Brasileira (AIB), cuja inspiração também provinha do movimento nazifascista. O movimento de direita atraiu diversos jovens brasileiros nos anos 1930, entre eles os estudantes da Faculdade Direito do Recife. Em um estudo sobre o movimento em Pernambuco, Márcio André Martins Moraes cita o que seriam os “primeiros camisas verdes da província de Pernambuco”.²⁰ Em foto de um congresso realizado com jovens do movimento estão, além de Mauro Mota, Álvaro Lins, Gilberto Osório de Andrade, Fernando Mota e João Roma, entre outros. No braço de todos, que vestiam camisas verde e calças brancas, há um símbolo da AIB que lembra a suástica nazista.²¹ O político de esquerda e intelectual pernambucano Paulo Cavalcanti no livro *Homens e ideias do meu tempo*, relata que conheceu Mauro Mota nas fileiras do movimento da extrema direita no início do século XX no Recife: “Conheci Mauro Mota logo depois da Revolução de 30, quando os jovens de nossa idade despertavam para os problemas políticos do país, pegando em armas. As frustrações da Revolução de 30 deixaram marcas em cada um de nós”.²²

Ao se referir ao Integralismo, o próprio Paulo Cavalcanti avalia que tal militância foi “impensada” e que uma geração de intelectuais se envolveu com o movimento. “Uma geração de moços intelectuais viu-se envolvida nas malhas do fascismo, acreditando em suas promessas. Era a geração de Álvaro Lins, de Gilberto Osório de Andrade, de Andrade Lima Filho, de Arnóbio Graça, de Mauro Mota”.²³ Em biografias produzidas sobre Mauro Mota, realizadas por amigos próximos ao poeta, como Nilo Pereira e Waldemar Valente, esse tema sequer é abordado. Paulo Cavalcanti diz que ele e outros de sua geração pagaram pela militância. “(Jovens) de alma leve, buscavam caminhos diferentes para solucionar velhos problemas sociais. Eu me filiei a essa geração. E paguei, como os outros, o preço de uma militância impensada”.²⁴ Mauro Mota também, aparentemente, após a crítica a Etelvino

¹⁹ “Mota, Antecedentes do Crime da Boa Viagem”, p. 4.

²⁰ Márcio André Martins Moraes, “A importância do sentimento religioso para interiorização do integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns”, *Paralellus*, v. 5, n. 9 (2014), pp. 9-24 (p. 13), <https://doi.org/10.25247/paralellus.2014.v5n9.p9-24>.

²¹ Moraes, “A importância do sentimento religioso para interiorização do integralismo em Pernambuco nos anos 1930”, p. 13.

²² Paulo Cavalcanti, *Homens e ideias do meu tempo*, Recife: Nordestal, 1993, p. 109.

²³ Cavalcanti, *Homens e ideias do meu tempo*, p. 109.

²⁴ Cavalcanti, *Homens e ideias do meu tempo*, p. 109.

Lins, aproxima-se dele tempos depois, quando foi eleito governador de Pernambuco, em um bloco de direita, em 1952. O detalhe é que Etelvino, politicamente, acabou saindo vitorioso de uma disputa com então político de esquerda Osório Borba, do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Pelo seu histórico pessoal, avalia-se que, ideologicamente, nessa disputa, Mauro Mota, que tinha militado em um movimento de direita, mantinha mais proximidade pragmática com o ex-adversário e governador eleito. No ano seguinte, chegou a acompanhar o novo mandante do estado em uma comitiva com o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez. A programação incluiu visitas a fábricas, à sede do governo, jantares e outros compromissos. Outros jornalistas marcaram presença, como Gilberto Osório de Andrade, Mucio Uchôa Cavalcanti e Luiz Beltrão, presidente da Associação Pernambucana de Imprensa, e José Bezerra Honorato de Freitas.²⁵

Mas foi décadas depois que Mauro Mota colheu um dos maiores frutos de sua intensa articulação política. A noite de 9 de janeiro de 1970 marcou um novo passo na carreira do poeta e jornalista recifense. Era outro tempo. Não estava mais na oposição, e sim na situação, sobretudo no apoio ao regime militar de 1964. Por meio da mulher Marly Mota,²⁶ em seu quarto, no Hotel Flórida, no bairro do Flamengo, na cidade-estado da Guanabara (atual município do Rio de Janeiro), ele recebeu a notícia de que, a partir daquele dia, seria o mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira 26 deixada pelo diplomata e intelectual sergipano Gilberto Amado. A escolha do nome do pernambucano foi anunciada por volta das 17h30, pelo presidente da Academia, Austregésilo de Athayde, quando foi permitida a entrada da imprensa após o tradicional chá das 5h da Casa de Machado de Assis.

A vitória contra o professor catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Thiers Martins, foi garantida por 21 votos contra 16, estando 20 imortais presentes na eleição,²⁷ e tendo 17 votado por carta. Duas cadeiras estavam vagas e o recém-eleito imortal Odilon Costa Filho não votou por ainda não ter sido empossado. O quadro completo da academia era de 40 imortais.²⁸ Em uma demonstração de prestígio, boa

²⁵ “Visita oficialmente São Paulo o governador eleito de Pernambuco”, *O Estado de São Paulo*, 26 nov. 1952, p. 13.

²⁶ “Mauro Mota, o novo imortal”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 jan. 1970, p. 9.

²⁷ Na votação, compareceram os acadêmicos Austregésilo de Athayde, João Cabral de Melo Neto, Adonias Filho, Marques Rebêlo, Levi Carneiro, Ivan Lins, Abgar Renault, Joraci Camargo, Magalhães Júnior, Peregrino Júnior, Pedro Calmon, Deolindo Couto, Elmano Cardim, Afonso Arinos, Silva Melo, Cândido Mota Filho, Hermes Lima, José Honório Rodrigues, Aurélio Buarque de Holanda e Alceu Amoroso Lima. Conferir informação em: Mauro Mota vai tornar-se imortal na quinta. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 out. 1970, p. 2.

²⁸ “Pernambucano Mauro Mota, o novo imortal”. *O Jornal*, 9 jan. 1970, p. 9.

parte dos imortais que participaram da eleição foram dar seus cumprimentos a Mauro Mota no hotel. Entre os visitantes, estavam o presidente da casa, Austregésilo de Athayde, João Cabral de Melo Neto, Adonias Filho, Raimundo Magalhães Júnior, José Condé, Ivan Lins, Peregrino Júnior, Marques Rebelo, José Honório Rodrigues e Levy Carneiro, o membro mais velho da academia, então com 88 anos.²⁹

Cinco provas do fardão: articulações de uma candidatura, uma vitória garantida e os apoios de primos e do amigo Álvaro Lins

Foram, no mínimo, cinco provas do fardão junto ao alfaiate Orlando Pena, no Rio de Janeiro. Após tirar as medidas do freguês, o alfaiate fez de tudo para que o roupão ficasse bem moldurado no corpo de Mauro Mota. Afinal, não se usava camisa sob ele e toda a costura era desfeita a fim de serem confeccionados, no próprio pano, os bordados em fios de ouro. A roupa foi confeccionada em casemira especial, forrada em seda, ambas pretas. Além do fardão, que era a peça mais trabalhada, também havia o chapéu em estilo Napoleão, também preto com fios de ouro e plumas de avestruz. A pelerine, a capa usada sobre a roupa, também era de casemira preta. Todo esse trabalho, que durou pelo menos dois meses nas mãos do alfaiate – a tradição na confecção dos fardões começou com o pai de Orlando Pena, o também alfaiate Luiz Pena, em 1937, quando costurou o fardão do imortal Osvaldo Orico – contou ainda com a participação da bordadeira Nereida e o chapéu de Álvaro Moreira.³⁰ O luxo e a ostentação do fardão, ao lado do espadim, assessórios obrigatórios na posse dos imortais da Academia Brasileira de Letras, foram presentes do poder público, por intermédio de amigos, a Mauro Mota,³¹ que retribuiu com outro gesto de reverência, não material, mas intelectual. Em seu discurso de posse, proferido em 27 de agosto de 1970, dedicado ao antecessor da cadeira, o diplomata Gilberto Amado, também não faltou o nome daquele

²⁹ “Mauro Mota, o novo imortal”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 jan. 1970. p. 9.

³⁰ “Alfaiate apronta fardões ‘imortais’”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1970, p. 3.

³¹ Segundo matéria de *O Jornal*, o fardão de Mauro Mota foi oferecido pelo governo de Pernambuco. O espadim pela Prefeitura do Recife o colar pela Prefeitura de Nazaré da Mata. Mauro toma posse como novo imortal. *O Jornal*, sexta-feira, 28 de agosto de 1970. Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MISRJ), Mauro Mota afirmou que não teria condições de bancar as vestimentas: “Enquanto o governo do estado deu o fardão, Nazaré deu o colar. E o Recife deu a espada. Essa costura custou muito caro e eu lhe confesso que foi uma coisa muito... me honrou muito entrar na Academia. Mas se essas coisas não fossem dadas eu não tinha tomado posse ainda”. Conferir informação em: *O Jornal*, 28 ago. 1970, p. 3.

que era sua maior referência intelectual: o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre.

À imprensa, no dia da eleição, Mauro Mota usou poucas palavras para tratar da vitória: “Orgulhoso por ter obtido a confiança da Academia”.³² Na época, Mauro Mota foi o quinto jornalista do *Diário de Pernambuco* a ingressar na instituição. Antes dele, passaram pelo jornal o próprio Gilberto Amado, Aníbal Freire, Artur Orlando e Assis Chateaubriand.³³ Antes de ocupar a vaga de Gilberto Amado, Mauro Mota foi cotado para o assento de Múcio Leão, intelectual pernambucano nascido no Recife, em 17 de fevereiro de 1898, e morto no Rio de Janeiro, em 12 de agosto de 1969. Em carta datada de 25 de agosto de 1969, Oscar de Azevedo Brandão, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, relata que teve um encontro com Múcio Leão, e que ele, antes de morrer, teria revelado o desejo de que Mauro Mota fosse candidato a uma das vagas na Academia. Então, Oscar sugeriu que Mauro se candidatasse à vaga como uma homenagem póstuma: “Querido Mauro Mota, permita a liberdade, preste uma homenagem a Mucio Leão, ocupando sua cadeira, para honra e glória não só de Pernambuco, como do Brasil”.³⁴

Apesar do estilo discreto do poeta pernambucano, a eleição já estava garantida, tanto é que em outubro do ano anterior, Mauro já havia declarado à imprensa que não aguardava outro resultado senão a vitória,³⁵ desfecho resultado de uma articulação bem feita. Na época, o candidato contava com três grandes aliados imortais na instituição: o amigo de infância Álvaro Lins e os primos João Cabral de Melo Neto e o Manuel Bandeira. O primeiro voto da vitória foi de João Cabral de Melo Neto,³⁶ cujo apoio Mauro Mota pediu por correspondência, no ano anterior, identificando-se como o bisavô dos dois em comum, mais conhecido como Seu Melo das Tabocas. A resposta de João Cabral, enviada por meio de telegrama em 3 de setembro de 1969, foi positiva: “Acabo de receber um telegrama de nosso bisavô pedindo meu voto para você na vaga de Gilberto Amado”,³⁷ ao completar com humor o pedido do parente: “Como não sei em que círculo do céu, purgatório ou inferno posso localizar ‘seu’ Melo de Tabocas, escrevo diretamente a você para dizer que pode contar com o meu voto. Votarei não só no primo e no amigo mas no poeta que muito admiro”.³⁸ A relação de parentesco dos dois e o episódio pitoresco, por cartas,

³² “Mauro Mota, o novo imortal”, *O Estado de São Paulo*, 9 jan. 1970. p. 9.

³³ “Jornal em poucas palavras”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1970, p. 2.

³⁴ Fundação Joaquim Nabuco (doravante Fundaj), Coleção Mauro Mota (doravante CMMo), crp. 69, doc. 1470.1, *Correspondência, Recife*, (25 agosto 1969).

³⁵ “Mauro Mota espera entrar na Academia”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 out. 1969, p. 8.

³⁶ “Mauro Mota, o novo imortal”, *O Estado de São Paulo*, 9 jan. 1970. p. 9.

³⁷ Fundaj, CMMo, crp. 69, doc. 1472, *Correspondência*, (3 setembro 1969).

³⁸ Fundaj, CMMo, crp. 69, doc. 1472, *Correspondência*, (3 setembro 1969).

foi relevado pela imprensa da época. Porém, o projeto de candidatura já vinha sendo gestado “em família” um ano antes. Em correspondência de 9 de setembro de 1968, João Cabral agradeceu os votos de congratulação de Mauro Mota por sua entrada na academia e deixou claro que seu nome teria espaço entre os acadêmicos.

“Recebi, ainda no Recife (já respondi agradecendo), ofícios de Gilberto e de Delgado, em uma reunião do Conselho de Cultura e da Academia, congratulando-me, por proposta sua, com minha eleição para a vaga de Chateaubriand”,³⁹ revela João Cabral, que foi eleito em 15 de agosto de 1968 e tomou posse em 6 de maio de 1969 para a cadeira deixada pelo jornalista Assis Chateaubriand. “Como você foi o quem deu as duas propostas, aqui estou para lhe agradecer. Não lhe disse nada naquele dia na Câmara de Deputados, onde apenas o intuir, porque só depois é que recebi os ofícios”.⁴⁰ Na carta, cujo conteúdo ainda trata de questões de família – como um concurso do filho de Mauro Mota, o antropólogo Roberto Motta ao Itamaraty – João Cabral, que era diplomata, agradeceu o primo e deixou a entender que poderia trabalhar por sua candidatura. “Muito obrigado, meu caro, e vá se preparando para se candidatar também. Seu nome tem grande receptividade e creio que, se você se lançar, seria muitíssimo bem recebido”.⁴¹

Em matéria do jornal *O Globo*, do então estado da Guanabara, em 9 de janeiro de 1970, João Cabral de Melo Neto revelou o pedido de Mauro Mota. João Cabral contou que ainda estava em Barcelona, no Consulado do Brasil, quando recebeu o seguinte telegrama: “Quero seu voto para Mauro, porque quero dois ‘bisnetos’ na Academia. A) ‘Seu’ Melo do Engenho da Taboca” (bisavô de Mauro e João, já falecido). Reconhecendo a brincadeira do primo, João Cabral respondeu assim: “Como não sei em que círculo do céu, inferno ou paraíso posso localizar ‘Seu’ Melo das Tabocas, mando-lhe o voto por seu intermédio” (*O GLOBO*, 1970). Outro primo de Mauro Mota na Academia era o poeta Manuel Bandeira, cujo parentesco foi lembrado pelo próprio Mauro, em correspondência, poucos anos da eleição à Academia Brasileira de Letras.

“Acuso o recebimento de sua carta de 12 de setembro”,⁴² diz Manuel Bandeira. “Coincidência curiosa: ao mesmo tempo em que ela chegava às mãos o Aderbal Cabral de Melo (o Britinho, como é mais conhecido) me mandava uma papelada explicando o meu parentesco de primo com o João Cabral e com você”,⁴³ registra Bandeira, afirmando que a mesma carta escrita deveria ser enviada à tia de Mauro Mota, Maria do Carmo Mota Albuquerque.

³⁹ Fundaj, CMMo, crp. 65, doc. 1403, *Correspondência*, (9 setembro 1968).

⁴⁰ Fundaj, CMMo, crp. 65, doc. 1403, *Correspondência*, (9 setembro 1968).

⁴¹ Fundaj, CMMo, crp. 65, doc. 1403, *Correspondência*, (9 setembro 1968).

⁴² Fundaj, CMMo, crp. 62, doc. 1331, *Correspondência*, (13 dezembro 1966).

⁴³ Fundaj, CMMo, crp. 62, doc. 1331, *Correspondência*, (13 dezembro 1966).

“Eu, você e João Cabral somos primos”,⁴⁴ lembra o autor de *Evocação do Recife*, antes de fazer referências aos graus de parentesco dos três poetas nascidos no Recife: “Só que vocês dois em grau menor afastado de que eu sou de vocês, porque vocês descendem de Ângela Felícia Lins de Albuquerque (que casou com Francisco Cabral de Melo) e eu de Maria Cândida Lins de Albuquerque Carneiro da Cunha, irmã de Ângela Felícia”.⁴⁵

Figura 3: Finalmente imortal: Mauro Mota e seu fardão na Academia Brasileira de Letras.⁴⁶



Fonte: Fundaj, CMMo.

A correspondência termina em tom efusivo e uma provocação sobre o papel dos três na poesia pernambucana: “Sim, meu caro Mauro, somos primos e dominamos a poesia pernambucana, danem-se os desafetos!”.⁴⁷ A relação dos primos foi decisiva não somente na eleição.⁴⁸ Manuel Bandeira, nascido no Recife, mas residente no Rio de Janeiro, era, ao lado do pernambucano Olegário Mariano, o responsável na Academia Brasileira de Letras pelo Prêmio

⁴⁴ Fundaj, CMMo, crp. 62, doc. 1331, *Correspondência*, (13 dezembro 1966).

⁴⁵ Fundaj, CMMo, crp. 62, doc. 1331, *Correspondência*, (13 dezembro 1966).

⁴⁶ Mauro Mota participou de uma eleição considerada ganha pela crítica. Fardão e vestimentas do novo acadêmico foram doados por órgãos públicos e amigos.

⁴⁷ Fundaj, CMMo, crp. 62, doc. 1331, *Correspondência*, (13 dezembro 1966).

⁴⁸ As relações de parentesco de Mauro Mota e Manuel Bandeira foram exploradas por Mauro Mota em livros publicados pelo poeta recifense. A carta sobre o parentesco, inclusive, foi republicada em: Mauro Mota, *Manuel Bandeira ou algumas variações em torno de Evocação do Recife e profundamente*, Recife: Ed. Universitária, 1978.

Olavo Bilac. Mauro Mota foi vencedor do prêmio com o livro *Elegias*, 1952.⁴⁹ A premiação lhe conferiu, pela primeira vez, projeção nacional e foi decisiva para entrada na academia posteriormente.

As relações de Mauro Mota no círculo intelectual eram fruto de um espaço de força e de poder, até porque parte desses parentes e amigos eram prestigiados por altos cargos em órgãos públicos e instituições científicas e culturais, formando uma rede de apoio afetiva e ao mesmo tempo familiar, que lhe proporcionou, sobretudo, ascensão social e promoção intelectual. “Há sempre uma positividade a dar às estruturas de poder sua força de duração. Poder é, sempre e também, uma questão de promessas de êxtase e de superação de limites. Ele não é só culpa e coerção, mas também esperança e gozo”,⁵⁰ destaca Vladimir Safatle, que trata também dessas relações sociais como uma demanda de amparo pelo outro, que não é necessariamente uma relação de sujeição. O desamparo, no entanto, não se reflete obrigatoriamente em cooperação, mesmo porque esse é o momento em que o sujeito, despossuído, mantém uma relação com o outro em que pode ou não ter o seu desejo/pleito atendido: “Ou seja, ligar-se a outros não é apenas confirmar-se em suas predicções supostas, mas é estar em contínua desposseção por ter algo fundamental de mim em outro que não controlo, que não saberei como responderá ou se responderá”,⁵¹ defende. Segundo o autor,

Por isso, a relacionalidade própria à condição humana não pode ser compreendida como garantia de cooperação. Que a desposseção possa aparecer também como expressão máxima de uma vulnerabilidade produzida pela insegurança social e civil a ser politicamente combatida com todas nossas forças, já que a produção de um não ser social, isso não elimina a necessidade de uma política capaz de quebrar a substancialização do “individualismo possessivo” através da afirmação da produtividade de situações de insegurança ontológica.⁵²

Mas, dos três, o maior incentivador da candidatura de Mauro Mota à Academia Brasileira de Letras foi o crítico literário e também imortal Álvaro Lins. A candidatura, inclusive, foi ideia de Álvaro,⁵³ porém, nas correspondências dos dois no acervo da Fundaj, não há registros sobre os bastidores da eleição para a Academia. Antes da entrada na Academia

⁴⁹ Barbosa Lima Sobrinho, “Mauro Mota”, *Revista do Arquivo Público*, v.1, n.1 (1983-1984), pp. 105-197, (p. 106).

⁵⁰ Vladimir Safatle, *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 20.

⁵¹ Safatle, *O circuito dos afetos*, p. 56.

⁵² Safatle, *O circuito dos afetos*, p. 56.

⁵³ “Mauro Mota vai tornar-se imortal na quinta”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 out. 1970, p. 2.

Brasileira de Letras, os dois participaram de clubes literários no Recife. Associações que proferiam *status* a quem integrava. Assemelhando ao que aconteceu na Casa de Machado Assis, foi Álvaro que inseriu Mauro Mota em clubes literários, a exemplo da Academia Recifense de Letras e o Silogeu de Pernambuco. Relata Mauro:

(Pertenci ao) Recifense de Letras e Silogeu Pernambuco. Sendo do Silogeu eu consegui ser sócio correspondente em Tejipló, no subúrbio do Recife, onde morava minha avó. Mas numa tarde, com um colega de faculdade, com quem eu havia brigado, levou um mapa para a sessão. Abriu o mapa. Não era sócio efetivo. Compreendeu? Sócio correspondente em Tejipló, o que eu havia conseguido, embora Álvaro Lins tivesse proposto efetivo. Um colega que eu havia brigado levou o mapa para a sessão, abriu, provou que Tejipló era Recife. Assim fui expulso, perdi. Foi minha primeira frustração acadêmica.⁵⁴

Mauro Mota seria recepcionado por Álvaro Lins, na Academia. Porém, a morte prematura do amigo, em 4 de junho de 1970, impediu que a recepção fosse feita por ele e o discurso ficou inacabado.⁵⁵ No lugar de Álvaro, Mauro Mota foi recebido pelo imortal Adonias Filho. Em artigo publicado na imprensa nacional, Mauro lamentou a morte do amigo e destacou sua participação na eleição: “Álvaro Lins morreu. Morro um bocado com ele, pois a gente não se acaba de vez. Acaba-se gradualmente com os episódios vividos, com as coisas e as criaturas que ama”,⁵⁶ lamentou. “Foi o crítico e foi o amigo firme e leal. Durante a minha recente campanha de eleição para a A.B.L., lutou a meu favor mais do que o fizesse por ele mesmo”,⁵⁷ completou. Um fato bastante considerável é que, no dia da eleição de Mauro Mota, por meio da análise de jornais do período, é possível observar uma aproximação política de Mauro Mota com o regime militar de 1964. Segundo matéria do jornal *O Globo*, de 9 de janeiro de 1970, mesmo sem ainda fazer parte do quadro da Academia, o general Aurélio Lyra Tavares, junto com a mulher Dona Isolina Lyra Tavares, acompanhou os imortais que foram ao Hotel Flórida, no Flamengo, cumprimentar o novo companheiro.⁵⁸

“Tão logo terminou a eleição, os acadêmicos presentes se dirigiram ao Hotel Flórida, no Catete, para homenagear o novo acadêmico. O general Lyra

⁵⁴ Museu da Imagem e do Som (doravante MISRJ), *Entrevista de Mauro Mota*, Rio de Janeiro, (5 novembro 1971).

⁵⁵ “Morreu Álvaro Lins”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 jun. 1970, p. 8.

⁵⁶ “Mauro Mota, Amigo firme e leal”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1970, p. 4.

⁵⁷ “Mota, Amigo firme e leal”, p. 4.

⁵⁸ “Mauro Mota eleito para Academia no 1º escrutínio”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1970, p. 2.

Tavares compareceu ao hotel”,⁵⁹ registrou a reportagem. O general estava candidato à Academia para a vaga deixada por Múcio Leão e concorreria com o poeta alagoano Lêdo Ivo, que acabou derrotado na disputa, e só posteriormente foi eleito imortal em outra eleição em meados da década de 1980. Em artigo publicado, o historiador Diogo Cunha, estudioso da relação dos militares e líderes de governo e a Academia Brasileira de Letras durante regime militar-civil de 1964, traz referências de que o general Lyra Tavares jamais pensaria atingir a imortalidade. O autor também entrevistou o poeta Lêdo Ivo, que foi derrotado em primeira eleição contra o general e defendeu a interferência do regime na eleição: “A relação da Academia Brasileira de Letras com a ditadura brasileira foi ambígua. Ao mesmo tempo em que o Austregésilo procurava os militares para defender o Carlos Nejar ele precisava dos militares”,⁶⁰ criticou o alagoano. “Por exemplo, esse prédio que a gente está foi doado pelo Médici, né? O Médici deu. O chefe da Casa Civil era o Leitão de Abreu, cunhado de Lyra Tavares, Ministro da Guerra, que a Academia elegeu”,⁶¹ completou. Segundo Lêdo Ivo, a disputa com Lyra Tavares era considerada uma vitória garantida por sua parte, mas que o jogo acabou mudando por conveniências políticas. O poeta alagoano esperava ganhar com mais de 25 votos: “Então minha situação mudou nas últimas semanas, mudou de repente. Começou o rumor que a Academia precisava de uma vaga para dar urgentemente ao general Lyra Tavares”.⁶² Na entrevista ao historiador Diogo Cunha, ele relatou, ainda, que se envolveu, sem saber, em umas das maiores conspirações que já houve na academia.

Durante o regime, a ditadura teve na Academia um lugar aglutinador da *intelligentsia conservadora*. O historiador Diogo Cunha fez uma análise prosopográfica dos membros da Casa de Machado de Assis, entre os anos de 1961 e 1979, e concluiu que eles participavam de uma rede de sociabilidade conservadora. Desses 71 imortais analisados no período, boa parte era formada em Direito, assim como Mauro Mota, e escrevia em jornais. Segundo o historiador, o imortal dos anos 1960 e 1970 nasceu entre o fim do século XIX e início do XX, e teve a Semana de Arte Moderna um impacto importante em sua formação. Além disso, o engajamento político desse intelectual refletia o apoio aos regimes, autoritários ou democráticos, que se alinhassem a uma virtual realidade brasileira. “Finalmente, trata-se de um político, tendo assumido responsabilidades que podiam ir de um cargo de confiança até

⁵⁹ “Mauro Mota eleito para Academia no 1º escrutínio”, p. 2.

⁶⁰ Diogo Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964-1979)”, *História Unisinos*, v. 18, n. 3 (2014), pp. 544-557 (p. 551), <https://doi.org/10.4013/htu.2014.183.06>.

⁶¹ Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 551.

⁶² Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 551.

ministérios ou governos de Estado”,⁶³ relata o estudioso. “O intelectual conservador dos anos 1960 e 1970 era, ao mesmo tempo, escritor, jornalista e político”.⁶⁴ Sobre o ambiente da academia, o historiador defende que, embora a maioria dos imortais estivessem silenciosos no momento do Golpe de 1964, “é difícil imaginar que eles não tenham se rejubilado com a intervenção dos militares”.⁶⁵ O apoio branco da Casa rendeu benefícios financeiros, sobretudo às relações com os generais do governo.

O lançamento da candidatura do general Lyra Tavares, que saiu vitorioso no ano de 1970, colaborou incisivamente para a realização de um grande sonho da Academia Brasileira de Letras: a construção do Centro Cultural do Brasil, mais tarde chamado de Palácio Austregésilo de Athayde, em 1999. Nesse período, houve uma intensa troca de correspondências entre o presidente da Academia, Austregésilo de Athayse, o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, e o imortal Lyra Tavares para a aprovação do financiamento para a construção do edifício por parte do presidente Emílio Garrastazu Médici. O terreno já havia sido doado pelo presidente marechal Castelo Branco em 1967. A intenção da academia era construir um edifício que lhe rendesse capital para financiamento das atividades dos imortais. “Contudo, é apenas em 1974 que Athayde consegue dar o próximo passo. Ele aproveita um encontro com o novo presidente da República, o general Ernesto Geisel, para falar do projeto da ABL”.⁶⁶ Um empréstimo foi autorizado pela Caixa Econômica em 15 de maio de 1975. Porém, a especulação de uma possível vitória do ex-presidente Juscelino Kubitschek, desafeto dos militares, para a cadeira deixada pelo acadêmico Ivan Lins, morto no dia 16 de junho de 1975, fez surgir rumores sobre o cancelamento do financiamento.

Austregésilo de Athayde teria atuado junto aos acadêmicos para evitar a vitória, o que se consagrou. Juscelino foi derrotado por 20 votos contra 18 pelo escritor baiano Bernardo Élis, que fez oposição ao Golpe de 1964. O historiador Diogo Cunha relata que outros aliados do regime tomaram posse durante a ditadura, assim como outros de esquerda. Ele destaca o caso de Miguel Reale, eleito em 1975, para a vaga deixada por Fernando de Azevedo, e a escritora Rachel de Queiroz, que sucedeu a Cândido Mota Filho. “Ela derrotou o célebre jurista Pontes de Miranda em uma eleição polêmica: na ocasião, ele declarou que a vitória foi do governo, mais especificamente do Conselho Federal de Cultura, ‘sucursal da ABL (Jornal do Brasil, 1977)’”.⁶⁷ Rachel de Queiroz, intelectual de direita, enviou uma carta pedindo a Mauro

⁶³ Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 547.

⁶⁴ Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 547.

⁶⁵ Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 547.

⁶⁶ Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 553.

⁶⁷ Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade”, p. 554.

Mota apoio para sua candidatura e recebeu uma resposta mais que positiva: “Lamentei o desencontro por telefone, mas o nosso encontro já tinha ocorrido tão perto vivo dos seus livros e passei a viver de sua candidatura, pois começa – e de jeito começou!”,⁶⁸ disse em resposta em carta datada em 4 de março de 1977. “Nova fase na literatura e na valorização da academia”,⁶⁹ completou. “Com ou sem a sua carta, o meu voto seria seu. (Palavra ilegível) o logo para que seja o primeiro e também em homenagem a Quixadá. Peço-lhe mandar ordens para o seu muito amigo, admirador, leitor e eleitor”.⁷⁰

Em um dos poucos registros de pedidos de votos na correspondência de Mauro Mota sobre sua candidatura à Academia está o do escritor baiano Jorge Amado, ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em carta enviada de Salvador ao pernambucano, em 26 de janeiro de 1970, Jorge Amado afirma que não pôde atender ao pedido de Mauro Mota, comprometendo-se com a candidatura do adversário Thiers Martins. “Espero que você tenha recebido meu telegrama de parabéns. Só soube de sua candidatura em Lisboa, já de volta para o Brasil e comprometido com o Thiers, mas quero que você saiba de minha alegria de tê-lo como colega na Academia”.⁷¹ A receptividade de Rachel de Queiroz e a rejeição de Jorge Amado, mesmo em um tom de respeito, revelam que as candidaturas, nos bastidores, ocorriam intensamente, como uma verdadeira campanha “política”. Além da Academia Brasileira de Letras, Mauro Mota integrou outras instâncias de poder estreitamente relacionadas ao regime militar.

Por meio dessas relações, conquistou diversos espaços em instituições científicas e culturais, e até espaço entre os jornalistas do grupo *Diários Associados*, quando fez campanha contra a gestão dos interventores federais em Pernambuco Etelvino Lins e Agamenon Magalhães na capital federal, em meados dos anos 1940. O sociólogo francês Pierre Bourdieu defende que o *campo intelectual* depende tanto das lutas internas como das sanções externas, e que as disputas que ocorrem no campo, apesar de independentes *em princípio*, são relacionadas *em seu desfecho* com a correspondência que mantêm com as lutas externas e os apoios inerentes a elas – as que se desenvolvem em seu campo de poder ou no campo social em seu conjunto.⁷² Ao tomar posições políticas, em determinados momentos, Mauro Mota também acaba se colocando ao lado das sanções de seu campo intelectual, que compartilha em momentos específicos e que muda de acordo com o contexto social.

⁶⁸ Fundaj, CMMo, cep. 18, doc. 351.1, *Correspondência*, (4 março 1977).

⁶⁹ Fundaj, CMMo, cep. 18, doc. 351.1, *Correspondência*, (4 março 1977).

⁷⁰ Fundaj, CMMo, cep. 18, doc. 351.1, *Correspondência*, (4 março 1977).

⁷¹ Fundaj, CMMo, crp. 75, doc. 1605, *Correspondência*, (26 janeiro 1970).

⁷² Pierre Bourdieu, *Razões práticas: sobre a teoria da ação*, Campinas: Papirus, 1996, p. 285.

Considerações finais

Jornalista, poeta, geógrafo, gestor de instituições públicas. Não há como realizar uma historiografia da intelectualidade pernambucana no século XX sem citar o nome de Mauro Mota. Ligado ao sociólogo Gilberto Freyre, mostramos e defendemos que essa relação – mesmo sendo sujeitada – foi decisiva por levar Mauro a postos-chave de reconhecimento entre seus pares, como o Conselho Federal de Cultura ou mesmo a direção do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). A identidade intelectual foi forjada à sombra daquele que foi o maior nome das ciências sociais e humanas de Pernambuco no período analisado por nós. Assim como Mauro, outros intelectuais seguiram o mesmo caminho, atraídos pelo guarda-chuva das benesses freyrianas, apesar de muitas delas serem conquistadas ao lado de tomadas de posição que, aos olhos de hoje, são consideradas extremamente fora da curva, por exemplo, o apoio ao Golpe de 1964. Ao lado de Mauro, intelectuais como Edson Nery da Fonseca, José Lins do Rêgo, Nilo Pereira, Tadeu Rocha, entre outros, venenaram a obra do autor de *Casa Grande & Senzala*.

Dentro das condições postas no momento, a carreira intelectual de Mauro Mota pode ser considerada extremamente bem-sucedida. Apesar de todas as adversidades no campo familiar, sobretudo as de ordem financeira, com o falecimento prematuro do seu pai, ele foi um vitorioso dentro do contexto letrado de Pernambuco no século XX. As próprias conquistas celebradas por ele, como a gestão do Instituto Joaquim Nabuco, e sua permanência, por muitos anos, pode ser creditada, além da boa relação com Freyre, ao seu esforço pessoal, sua capacidade de relacionar-se e administrar interesses diversos. O sociólogo de Apipucos lhe abriu portas, é evidente, mas Mauro conseguiu aproveitar bem essa relação. Ao contrário de outros nomes, como Álvaro Lins, que saíram do estado e só assim conquistaram maiores espaços e tiveram reconhecimento nacional, Mauro permaneceu no Recife e muitos de seus trabalhos foram celebrados pela crítica nacional em jornais dentro e fora da rede dos *Diários Associados*, na qual trabalhou. Mauro Mota consagrou-se como membro de importantes espaços culturais e científicos do período. Seu currículo e atividades fazem sombra a muitos de seus contemporâneos no contexto da ditadura militar brasileira (1964-1985).

Por outro lado, também reforçamos o aspecto relacional na vida de Mauro. O amigo Álvaro Lins, com quem, ao contrário de Gilberto Freyre, desenvolveu uma relação mais fraterna, como irmão, e que também lhe beneficiou em momentos como o ingresso na Academia Brasileira de Letras

(ABL). Mauro Mota foi, em essência, também um intelectual relacional. Tanto é que muitos dos personagens com quem conviveu estão impregnados em sua obra. Muitos deles sem qualquer crítica, apenas para cumprir um papel de veneração ou agradecimento. Por outro lado, Mauro também é um exemplo de como a política estava associada ao exercício da intelectualidade brasileira no século XX. Apesar de afirmar publicamente que a odiava, sempre esteve presente no círculo do poder. Aliás, na juventude militou em grupos de extrema-direita, fez oposição ao regime do ditador Getúlio Vargas, mas foi perdendo um pouco dessa paixão. Ao menos publicamente. No entanto, continuou se relacionando com o poder. Seja por meio de governadores, presidentes, em solenidades, visitas à Câmara dos Deputados – como um dos casos trágicos que presenciou o assassinato cometido pelo senador Arnon de Mello, que matou o colega José Kairala em sessão plenária –, ou mesmo em visitas a gabinetes de secretários estaduais, entre outros.

A política partidária (ou não) foi exercida por ele com maestria. Em um momento em que as redações de jornais não eram espaços profissionalizados – também no sentido de garantias aos direitos trabalhistas dos jornalistas – Mauro conseguiu na esfera pública posições que lhe garantiram uma renda extra daquela que recebia como funcionário do *Diário da Manhã* e do *Diário de Pernambuco*. A política também foi crucial na sua permanência como diretor-executivo do Instituto Joaquim Nabuco. Ocupando o cargo desde o ano de 1956, exercendo a função no período democrático, Mauro permaneceu no instituto após o Golpe de 1964. Na instituição, vestiu a camisa dos governos militares, mesmo de uma forma mais discreta se comparada a de seu mentor Gilberto Freyre. Conduziu processos de exoneração, nomeação, chamou atenção para o bom trato no recebimento de militares na casa e comemorou o Golpe em solenidades da instituição.

Na verdade, ele foi um grande operacionalizador do regime na instituição e, mesmo depois de sua saída, continuou ocupando cargos públicos no governo estadual, como foi o caso da direção do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje). Mauro também contribuiu para a consolidação do instituto aos moldes freyrianos: práticas patrimonialistas, favorecimentos e o uso da máquina para benefício pessoal. Práticas essas que continuam intrincadas na instituição até os dias atuais. A atual Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), instituição que deu continuidade ao instituto, caminha a passos lentos em pesquisas de referência na região Nordeste e ainda é presa a temáticas freyrianas, como o Seminário de Tropicologia e as celebrações de grandes nomes ligados à casa grande. Como intelectual contemporâneo do regime militar (1964-1985), Mauro se beneficiou com os novos donos do poder

e conseguiu, como mostramos, ter uma carreira exitosa durante o autoritarismo brasileiro.

Referências:

Andrade Lima Filho, *China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época*, Recife: Ed. Universitária, 1976.

Barbosa Lima Sobrinho, “Mauro Mota”, *Revista do Arquivo Público*, v.1, n.1 (1984), pp. 105-107.

“Bibliografia de Mauro Mota”, *Revista do Arquivo Público*, v. 1, n. 1 (1984), pp. 19-48.

Diogo Cunha, “Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964-1979)”, *História Unisinos*, v. 18, n. 3 (2014), pp. 544-557, <https://doi.org/10.4013/htu.2014.183.06>.

Diogo Cunha, “O campo intelectual no Brasil nas décadas de 1960 e 1970: a “estrutura cultural conservadora”, as universidades e as esquerdas”, *História Unicap*, v. 3, n. 5 (2016), pp. 100-120, <https://doi.org/10.25247/hu.2016.v3n5.p100-120>.

Luiz do Nascimento, *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*, Recife: Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

Márcio André Martins Moraes, “A importância do sentimento religioso para interiorização do integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns”, *Paralellus*, v. 5, n. 9 (2014), pp. 9-24, <https://doi.org/10.25247/paralellus.2014.v5n9.p9-24>.

Mauro Mota, *Manuel Bandeira ou algumas variações em torno de Evocação do Recife e profundamente*, Recife: Ed. Universitária, 1978.

Nilo Pereira, *Mauro Mota e seu tempo*, Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.

Paulo Cavalcanti, *Homens e ideias do meu tempo*. Recife: Nordestal, 1993.

Pierre Bourdieu, *Razões práticas: sobre a teoria da ação*, Campinas: Papirus, 1996.

Roberto Motta, “Mauro Mota, Memória, Data e Festa”, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, n. 65 (2012), pp. 227-254.

Vladimir Safatle, *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Artigo recebido em 13-11-2024. Aceito para publicação em 24-07-2025.

Citação: Tércio de Lima Amaral, “Do ódio da política às cinco provas no fardão: as articulações de Mauro Mota durante o regime militar para conquista da vaga na Academia Brasileira de Letras”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 43 (2025), pp. 1-25.

Contato do autor: Tércio de Lima Amaral: tercio.amaral@uol.com.br.